



“Arraste-me para o Inferno” e a Influência do Gênero Clássico sobre a Crítica Cinematográfica¹

Danilo Pereira da SILVA²

Laura Gisele Souza dos SANTOS³

Lara Linhalis⁴

Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF)

Resumo

Através da premissa de que o enquadramento de um filme em um dado gênero cinematográfico agrega a ele uma série de características que lhe são embutidas por meio de convenções, é possível questionar de que maneira esse enquadramento pode influenciar na crítica cinematográfica que esse filme possa ter. O presente trabalho, por meio da análise de críticas realizadas ao filme “Arraste-me para o inferno”, do diretor Sam Raimi, tenta analisar essa influência e se ela existe, buscando levantar questões sobre hibridismo de gênero no cinema e critérios de crítica cinematográfica.

Palavras-chave: Gênero cinematográfico; terror; “Arraste-me para o inferno”; gêneros híbridos; comédia.

Introdução

O cinema, através de sua consolidação como arte, suscitou uma série de questões e estudos acerca da maneira como seus 24 quadros por segundo, responsáveis pela noção de movimento, seriam capazes de gerar identificações, emoções distintas e reações nos mais variados tipos de espectador. Nesse contexto, a diegese⁵, assim como formas de narrativa e matrizes surrealistas e neorrealistas receberam a atenção de diversos autores. Dentre eles, é possível citar David Bordwell – que pesquisa sobre a consolidação e constituição da narrativa clássica hollywoodiana –, Marina Botelho –

¹ Trabalho apresentado no IJ 4 – Comunicação Audiovisual do XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 19 a 21 de junho de 2015.

² Estudante de Graduação do 5º Período do Curso de Jornalismo da UFJF, email: jornal.danilo@gmail.com

³ Estudante de Graduação do 5º Período do Curso de Jornalismo da UFJF, email: lauragss@gmail.com

⁴ Orientadora do trabalho “Arraste-me para o Inferno” e a Influência do Gênero Clássico sobre a Crítica Cinematográfica⁴; professora do curso de jornalismo da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Email: laralinhalis@gmail.com

⁵ “O ambiente autônomo da ficção, o mundo verossímil de motivações no qual se inscreve a história contada. O universo diegético é tudo o que a história evoca ou provoca para o espectador, a série das ações, o seu contexto, seja geográfico, histórico ou social. A diegese é, portanto, mais ampla que a história. (AUMONT, 1995, p.115)



que desenvolve reflexões acerca do hibridismo de gêneros e narrativas fílmicas – e Jacques Aumont – teórico que compreende questões como a diegese.

Com o passar dos anos, o cinema adquiriu certo status de indústria, ao mesmo passo que ganhava prestígio como uma das grandes artes do século, pelo seu grande alcance e popularidade. Depois de penetrar no solo norte-americano, passadas algumas décadas, os filmes começavam a ser produzidos em série e em grande escala, fazendo com que padrões fossem estabelecidos para o maior alcance de sucesso diante do público. Os grandes estúdios notaram que filmes específicos poderiam ser direcionados para demandas específicas, havendo então a produção de filmes que atendiam a determinadas convenções e repetiam certas características.

Notando esta tendência, estudiosos passaram a enxergar nesses padrões uma noção de gênero cinematográfico. Partindo da concepção de gênero literário esboçada por Aristóteles e das diversas divisões que se dão nos padrões estéticos que compartmentam as obras pictóricas, já que, “como não pode deixar de ser, de ambas estas áreas artísticas colhe o cinema inúmeros ensinamentos” (NOGUEIRA, 2010, p. 9), pensou-se na ideia de que filmes poderiam ser enxergados dentro de um enquadramento em dadas convenções, que podem ser baseadas em vários critérios relacionados tanto à estética quanto à narrativa do filme.

Ao assumirmos que o enquadramento de um filme em gêneros permite que o espectador crie expectativas acerca de elementos da narrativa, deixando-o em uma dada zona de conforto, torna-se relevante um questionamento: será que a divisão em gêneros cinematográficos pode interferir na maneira como o filme é avaliado pelo espectador? Será que a fuga fortuita dos padrões estabelecidos pelo gênero cinematográfico é capaz de gerar um desconforto ao espectador ao ponto de tornar a crítica do filme negativa? O presente artigo tem o objetivo de responder a esses questionamentos através da análise de críticas feitas acerca do filme “Arraste-me para o inferno”, do diretor Sam Raimi (2009). Enquadrado no gênero terror, ele representa uma fuga de determinadas convenções previstas por este gênero, uma vez que apresenta alguns elementos cômicos em sua narrativa.

A hipótese é de que a crítica dos espectadores em relação a um filme pode ser influenciada pelo enquadramento que o filme em questão possui em dado gênero cinematográfico. Tal hipótese parte do pressuposto de que, ao ser enquadrado em um determinado gênero, o filme carrega uma série de clichês e estilos que fazem com que o



espectador crie expectativas em relação à narrativa fílmica, sendo que a quebra destas promessas causaria desconforto, podendo gerar avaliações negativas. Espera-se que a discussão a respeito de gêneros cinematográficos, hibridismo e critérios de gênero possa ser bem esclarecida e que os fundamentos para a crítica cinematográfica também possam ser analisados.

Surgimento e Conceito de Gênero Cinematográfico

A ideia de gênero no cinema surgiu através da produção de filmes em série, que nasce aparentando se basear em uma espécie de modelo fordista de produção capitalista. O filme como mercadoria industrial parecia ser produzido em diferentes etapas, sendo que o resultado final da produção, ao mesmo tempo que apresentava elementos originais, continha elementos repetitivos em sua configuração (BOTELHO, 2010, p. 6).

Diferente das categorizações feitas em outras artes, como a pintura ou a poesia, no cinema essas categorizações se fazem de maneira mais complexa, já que as possibilidades de signos que podem ser criados associando imagens em movimento com sons é demasiadamente grande. Ao definir resumidamente gênero como sendo uma espécie de classificação que determina relações de semelhança e proximidade entre diferentes obras (NOGUEIRA, 2010, p.9), fica a cargo dos estudiosos definirem quais critérios de semelhança que poderiam enquadrar alguns filmes dentro de um mesmo gênero cinematográfico, reduzindo assim as dificuldades que poderiam ser promovidas pelas suas delimitações.

Os critérios de classificação de gênero ainda variam de autor para autor, mas o que se parece notar é que aspectos como o perfil das personagens, a época dos acontecimentos da trama, a fotografia, a simbologia dos cenários, o padrão de narrativa e, principalmente, os temas que são abordados no filme são aspectos que seguem um grau de notoriedade entre todos os estudos de gênero. Segundo o autor Luís Nogueira (2010), os padrões seguidos para o enquadramento de filmes em gêneros cinematográficos seguem aspectos específicos, tais como: as premissas criativas do filme, a função comunicacional, os pressupostos técnicos da produção, o formato (como curta-metragem ou longa-metragem), a estética assumida, a matriz comercial, as condições da produção do filme e as prescrições discursivas. Tais aspectos ainda não se tornaram consolidados para delimitar as distinções de gênero cinematográfico, visto que as possibilidades trazidas pelas inovações tecnológicas dificultaram a realização deste



trabalho na medida em que as hibridizações se tornaram ainda mais frequentes. O próprio cruzamento entre o cinema, a TV e a internet dentro do atual ambiente transmidiático faz com que os teóricos analisem as novas possibilidades de discussão do tema.

Antônio Costa (1985) acredita que as delimitações realizadas pelo gênero cinematográfico podem assumir a função de tornar mais compreensíveis as dinâmicas e os contextos de produção fílmica. Dessa forma, ele acredita que os gêneros podem ser entendidos dos pontos de vista: político-ideológico, para que se possa ter melhor compreensão da relação dos filmes com os contextos social e histórico em que eles se encontram; de sistema de produção, em que a organização do trabalho, os investimentos dos estúdios e a programação produtiva apresentam atuações diferentes para cada tipo de filme de gênero; e figurativo/narrativo, em que se pode pressupor algumas regras de composição e funcionamentos que a obra possa ter.

Buscando alcançar alguns aspectos relativos à finalidade do gênero cinematográfico, Luís Nogueira (2010) acrescenta algumas funções além daquelas pensadas por Costa. Para ele, em relação à função produtiva, os gêneros garantem fórmulas prontas que permitem que avaliações prévias do sucesso do filme possam ser realizadas. Outra função que o autor encontra para os gêneros é a do consumo, visto que, por meio do repertório que o espectador já possui, ao ir à procura de um filme de determinado gênero, esse espectador encarna algumas expectativas em relação ao filme, fazendo com que o enquadramento de filmes em gêneros direcione os espectadores quanto à sua forma de consumo. Além disso, existem funções relacionadas à criação – as convenções que são compartilhadas por filmes de um determinado gênero são responsáveis por muitas vezes guiar as ações do diretor em sua criação –; à análise – o enquadramento de um filme em um dado gênero ajuda na análise de suas premissas criativas –; à divulgação – a aplicação do filme em um gênero faz com que a concisão de suas premissas ajude na compreensão das propostas do filme para o público que quer assistir –; e à crítica – os critérios de um determinado gênero moldam muitas vezes o juízo de valor que é construído em relação a um filme, uma vez que as características de um dado gênero representam uma referência para o crítico.

Dentro dos mais variados estudos acerca de gênero cinematográfico, muitas dificuldades foram encontradas. Tendo a noção de gênero surgindo com maior força por meio de observações sobre as tendências da produção de filmes em série no cinema hollywoodiano, começou-se a criar discussões a respeito dos critérios que poderiam



incluir filmes com características em comum em uma mesma categoria. Como a maior parte das produções realizadas Hollywood apresentam a narrativa clássica, muitos estudiosos passaram a enxergar as delimitações de gênero cinematográfico como algo que se faz presente apenas nas obras com este tipo de narrativa. Porém, muitos exemplos de filmes que apresentam uma narrativa diferente da clássica hollywoodiana possuem características de filmes de gênero em sua composição, como acontece em algumas produções que possuem um tipo de narrativa do cinema realista, mas contem aspectos que são presentes em filmes do gênero *roadmovie*.

É interessante pensar um exemplo que muito se assemelha a essa problemática apresentada. A ficção científica é considerada claramente um gênero cinematográfico. Temos enquadrados nessa categoria filmes como os da série “Star Wars”, claramente pertencentes ao cinema clássico e filmes como “Solaris” (Andrei Tarkovsky, 1972). Solaris é um caso interessante, pois ele se deixa classificar como cinema realista e como ficção científica. Como pensar então o gênero em relação à narrativa clássica? Não obstante, é importante ter em mente que antes de ser um filme realista ou um filme de ficção científica, ele é um filme de Tarkovsky. (BOTELHO, 2010, p. 2)

Para alguns autores, associar a existência e delimitação do gênero cinematográfico apenas à forma de narrativa é pouco. Para Edward Buscombe, por exemplo, as delimitações também deveriam se estabelecer através dos elementos de *mise-en-scène*⁶ presentes no filme (BUSCOMBE, 2005). Segundo seu pensamento, filmes que se enquadrariam no gênero terror, mas que fogem de uma narrativa clássica poderiam, de certa maneira, estar incluídos em tal gênero pela obscuridade de seus cenários, pelos movimentos brutos de câmera que possuem a intenção de impactar o espectador ou até mesmo pelo desconforto visual que é gerado por alguns elementos que compõem o cenário.

Filmes que representam uma fuga do padrão canônico de gênero, como os da série “Star Wars” ou “Solaris”, sempre colocam as questões acerca de gênero cinematográfico em constantes mudanças e em divergentes posicionamentos. Outro problema debatido relaciona-se aos filmes que possuem características de distintos

⁶ *Mise-en-scène* vem do francês e significa “montar a ação no palco”. Ou seja, os fatores que formam a ação, como interpretação, cenário e iluminação, são todos dirigidos e montados.



gêneros, os chamados filmes híbridos, que muitas vezes surgem até como uma estratégia dos grandes estúdios para uma fuga de padrões e do esgotamento criativo. A possibilidade de estender o mercado, fazendo isso através da mistura de gênero, permitiu maiores possibilidades criativas dentro das mais variadas tramas, como é o caso de filmes do diretor Quentin Tarantino como “Kill Bill” (2003), onde uma amálgama de gêneros, somado aos constantes *travellings*⁷ e aos peculiares elementos de *mise-em-scène* formam uma marca de autor.

O Gênero Terror

O desconforto gerado no espectador por meio de imagens que remetem ao fantástico e ao bizarro representa talvez o mais substancial critério de definição do gênero terror no cinema. Através da diegese, o espectador é convidado a se identificar de maneira intensa com o personagem principal da trama e dividir suas angústias e tensões, que sempre são levadas ao extremo no decorrer da narrativa. No filme, o espectador “experimenta o sofrimento de forma delegada, comungando das dificuldades das personagens, mas escusando-se, necessariamente, aos seus padecimentos” (NOGUEIRA, 2010, p.42).

O terror normalmente se apresenta com a exposição de determinados “agentes do mal” na trama, os antagonistas, que muitas vezes guiam as ações de um personagem por meio da intimidação, sendo ela o grande obstáculo do protagonista na busca por sua estabilidade. Tais “agentes do mal” poderiam ser exemplificados como bruxas, demônios, alienígenas, fantasmas, lobisomens, vampiros, zumbis, dentre outras figuras do imaginário fantástico. Apesar de inúmeros clichês e convenções que o terror apresenta, talvez este gênero represente o maior número de rompimento de convenções ao longo dos anos entre todos os outros gêneros.

Tal afirmação pode ser testada por meio da observação de alguns exemplos de filmes que inauguraram o gênero com características específicas e que, após algumas décadas, foram sucedidos por inúmeras mudanças das convenções que eram empregadas no terror. Filmes do Expressionismo Alemão, como “O Gabinete do Doutor Caligari”, de Robert Wiene, e “Nosferatu”, de Friedrich Murnau, que participaram da estreia do gênero no cinema, formavam uma tendência que foi seguida ao longo de

⁷ Movimentos de câmera em que ocorre o seu deslocamento no espaço.



algumas décadas pelas obras do mesmo gênero. Os filmes de terror dessa época baseavam-se em elementos góticos em sua composição, tais como os classificados pelo escritor e roteirista Robert Harris para classificar os elementos do romance gótico: a atmosfera de suspense e mistério, eventos sobrenaturais, presença de profecias, cenários que representam locais abandonados e antigos, presságios, apelo às emoções e ao melodrama, a mulher em perigo sob o poder de um tirano e metonímias naturais de terror (HARRIS, 2011). Depois, na década de 1930, o estúdio norte-americano Universal passou a investir com fervor no gênero, com filmes como “Frankenstein”, de James Whale, que acabou mudando pequenas características convencionadas no gênero.

Após a queda na produção de filmes de terror ocorrida décadas depois, nos anos 70 o gênero volta com mais força e com mudanças em suas convenções. Os filmes passaram a gerar o temor e a repulsa no espectador através de cenas mais explícitas de extrema violência. Os elementos góticos que geravam temor no espectador durante a narrativa, com seus ambientes sombrios e enevoados, foram substituídos pelo sangue e pela carnificina em alguns filmes.

Os clichês se apresentam de maneira bastante perceptível, de forma que, atualmente, as mutações de gênero se tornaram uma fuga dos diretores para alcançarem um público mais diversificado e aprimorarem o estilo. Muitos filmes utilizam de metalinguagem, ou até mesmo da paródia, para tentar inovar nas tramas e nas formas de narrativa, mas sempre mantendo os sustos e a repulsa pela estética como elementos que ainda mantêm os filmes enquadrados.

Esses clichês se caracterizam por: mistérios em torno de antigas ordens secretas, livros de bruxaria ou evocação de algo que abrem exatamente no trecho mais importante, a presença de um especialista estranho que auxilia os personagens a superarem os obstáculos construídos pelo antagonista da trama, a morte de um personagem pela curiosidade, presença de locais abandonados como cemitérios, hospitais, hospícios, entre tantos outros.

Talvez o maior critério para o enquadramento de filmes no gênero terror esteja relacionado ao excessivo foco dado às emoções dos personagens principais, gerando extrema empatia e conseqüente medo no espectador. A tensão é aumentada e muitas vezes auxiliada pelos próprios tropeços dos personagens ao tentarem se livrar das situações de perigo, como o personagem escorregar em uma cena de perseguição ou a entrar em algum local proibido.



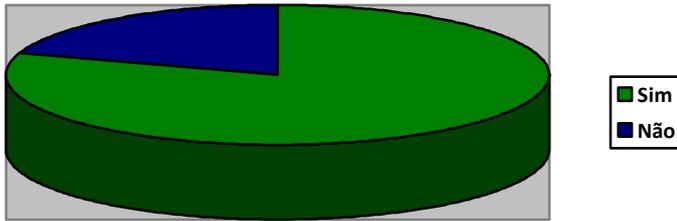
“Arraste-me para o Inferno” e a Influência do Gênero sobre a Crítica Cinematográfica

Lançado em 2009, “Arraste-me para o inferno” se propõe a ser um filme de terror, mas que apresenta elementos de comédia em sua configuração. Ele é dirigido por Sam Raimi, conhecido pelo aclamado “A morte do demônio” (1982), que se consagrou por conciliar cenas de terror explícito e comédia em uma mesma cena.

No filme, uma mulher que trabalha em uma empresa de empréstimos possui a ambição de conquistar a vaga de vice-presidente. Porém, uma maldição se interpõe em seu caminho quando ela rejeita um empréstimo a uma velha cigana. No decorrer da história, o espectador é levado a acompanhar a luta da jovem pela libertação da maldição, havendo uma série de elementos típicos do gênero em questão, além de fugas cômicas, capazes de fazer com que muitos acreditem ser um filme híbrido entre terror e comédia. Essa obra foi escolhida para a pesquisa justamente pelo aspecto ligado à fuga fortuita das convenções estipuladas pelo gênero terror, fazendo-nos pensar se a crítica negativa que ele recebe parte deste aspecto, já que a familiaridade das expectativas do público em relação ao filme de gênero permite que ele alcance maior sucesso em muitos casos. Essa hipótese parte do pressuposto de que, ao ser aplicado em um gênero, o filme é visto de maneira mais direcionada pelo espectador, que o assiste partindo de algumas expectativas e a quebra delas geraria desconforto.

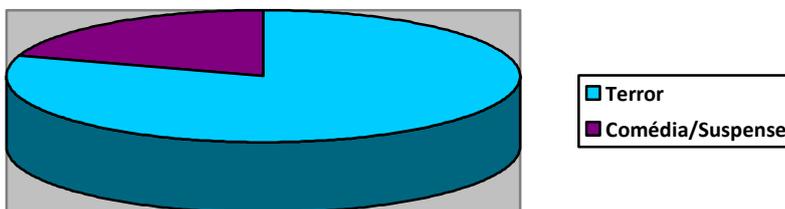
Para o trabalho, uma pesquisa qualitativa foi realizada com dez pessoas que assistiram ao filme e tiveram uma avaliação negativa. O intuito foi, através de entrevistas, buscar padrões que pudessem ser estabelecidos entre as respostas e tentar encontrar aspectos gerais do gênero terror que tenham influenciado na avaliação do filme pelo espectador entrevistado. Três perguntas foram realizadas em todas as entrevistas: “qual seu gênero predileto?”, “em qual gênero você enquadraria o filme ‘Arraste-me para o Inferno?’”, e “cite alguns pontos positivos e negativos referentes ao filme”.

Terror é o seu gênero fílmico preferido?



Após verificar os resultados da entrevista, notou-se que 80% declarou que seu gênero de predileção é o terror. Ao analisar os resultados desta parte da entrevista, supõe-se que, ao ter o terror como gênero de predileção da grande maioria dos entrevistados, o repertório acerca desse estilo não é insuficiente entre eles. O tipo de temática, a estética usada e todos os outros aspectos comuns ao filme do gênero analisado são entendidos, pelo menos basicamente, pela grande maioria dos entrevistados.

Em qual gênero você enquadraria o filme ‘Arraste-me para o Inferno?’



Ao coletar os resultados da segunda etapa da entrevista, constatou-se que também 80% dos espectadores entrevistados acredita que o filme deveria se enquadrar no gênero terror. Os resultados acabam fazendo crer que, apesar dos elementos cômicos da narrativa fílmica (que poderiam fazer com que o espectador incluísse o filme no gênero comédia), ele ainda é entendido como um filme do gênero terror pela maioria, em que os aspectos tradicionais comuns ao estilo estão presentes dentro de sua narrativa, predominando-se sobre os aspectos cômicos. Os outros 20% dos entrevistados acreditam que ele deveria se enquadrar no gênero suspense ou comédia.

Na última parte da entrevista, buscou-se detalhar os pontos que construíam a crítica cinematográfica dos entrevistados, tentando estabelecer a relação entre as características que influenciavam a crítica e o enquadramento de “Arraste-me para o



inferno” no gênero terror. Com relação aos pontos positivos, oito aspectos do filme foram levantados pelos espectadores: a fidelidade que ele possui em relação ao gênero (os sustos, que são típicos do terror, imagens que geram repulsa, a tensão, etc.), o desempenho dos atores, a história em si, aspectos técnicos, a inclusão de elementos de outro gênero (comédia), a originalidade e o reconhecimento do diretor. Após analisar os resultados, notou-se que seis entrevistados declararam que aspectos como sustos, cenas repulsivas (que são comuns nos filmes de gênero) e a tensão foram os pontos positivos do filme, três acharam que a atuação foi um ponto positivo, três apontaram que a história era atraente, três elogiaram os aspectos técnicos do filme, dois afirmaram que o fato da direção do filme ter sido realizada por Sam Raimi acabou influenciando em sua avaliação positiva, um avaliou que os elementos cômicos presentes de outro gênero contribuíram para uma boa avaliação do filme e mais um afirmou que a originalidade era um ponto positivo. Por meio dos resultados dessa entrevista, percebe-se que a maioria dos entrevistados avalia a fidelidade que o filme possui em relação aos pressupostos do gênero terror como um dos pontos positivos do filme.

Em relação aos aspectos negativos levantados, sete foram abordados pelo conjunto de entrevistados, sendo eles: a parte técnica do filme, o desempenho dos atores, o não cumprimento de algumas características comuns aos filmes de terror, a história em si, o roteiro, a previsibilidade que a narrativa apresenta e o exagero em alguns aspectos do gênero terror, como sangue e tensão em excesso. Pelos resultados, viu-se que dois dos entrevistados avaliaram a parte técnica como ruim, dois avaliaram o não cumprimento de algumas características comuns aos filmes de terror como um ponto negativo, três afirmaram que a atuação foi insuficiente, um afirmou que a história não era atraente, seis afirmaram que o roteiro é ruim, chamando-o de fraco, três declararam que a previsibilidade da narrativa foi um aspecto ruim e dois disseram que o exagero em alguns aspectos de tradição do gênero era também um ponto negativo. **O que nota-se, a partir destes resultados, é que a fuga das características de um dado gênero por um filme não representa um ponto negativo predominante na avaliação do mesmo, mas sim aspectos que são gerais a todos os filmes, como o roteiro.**

Por meio de uma reflexão acerca dos pontos positivos e negativos mais levantados na crítica de um filme de terror como “Arraste-me para o inferno” (que apresenta elementos cômicos em sua estrutura narrativa, indicando a fuga dos padrões estabelecidos por esse gênero), percebe-se que os elementos de tradição no filme são levados à crítica como positivos, não por seguirem os clichês inseridos no gênero, e sim



por serem realizados de maneira convincente. O fato de a previsibilidade ter sido apontada como um dos aspectos negativos do filme, ainda que tenha sido um ponto levantado apenas por três entrevistados, rebate ainda mais a ideia de que o não cumprimento das tradições de gênero prejudique a avaliação do filme. Deduz-se que, se a intenção de uma determinada cena seja gerar pavor ao espectador e ela alcança tal objetivo, a avaliação dessa cena é positiva não pelo repertório que o espectador supostamente tenha a respeito de filmes do mesmo gênero, mas sim por ele ter atingido a meta proposta. **O roteiro insuficientemente bom** ter sido colocado como o ponto negativo mais lembrado pelos entrevistados reforça a ideia de que os aspectos universais de um filme são mais importantes que os aspectos relacionados à convenções de gênero. Apesar de pouco levantados, a originalidade e a mistura de gênero acabam contribuindo com a ideia de que elementos inovadores são fortes fatores que seriam responsáveis pela boa avaliação de um filme.

Conclusão

As discussões a respeito de gênero cinematográfico sempre levantaram dúvidas sobre suas conceituações e critérios de categorização. Isso acontece devido ao grande número de influências que um filme possui dentro de sua criação, sendo que tais influências não se restringem a um único gênero. Com o passar dos anos, o cinema foi adquirindo novas significações, assim também como mudanças na sua forma de produção, que muitas vezes indicaram uma mistura de convenções. Tal hibridismo pode ou não ser relevante ao se discutir a avaliação que um filme possa ter por um espectador. Porém, nota-se que, quando se trata desse tipo de avaliação, os aspectos de lei em um filme, sendo eles o roteiro, a trama, as atuações e a técnica possuem uma importância muito maior que o enquadramento que o filme possui no gênero cinematográfico.

É possível notar que o cinema se torna cada vez mais polissêmico à medida que sua produção cresce, cabendo aos estudiosos da área tentarem levantar novos questionamentos a respeito de sua influência nos espectadores e de como ela molda a criação de novos filmes.

Referências Bibliográficas



ALVARENGA, Nilson e LORENA, Dimas. **Matrizes da Linguagem Cinematográfica, Tecnologias Digitais e o Cinema Como Fenômeno Pragmático.** Trabalho apresentado no XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

AUMONT, Jacques. (et al.) **A estética do filme.** São Paulo: Papyrus, 1995.

BOTELHO, Marina Alvarenga. **Discussões de gênero cinematográfico na narrativa clássica e no cinema realista.** Juiz de Fora, UFJF, 2010.

BUSCOMBE, Edward. **A idéia de gênero no cinema americano.** In. RAMOS, Fernão (org.), Teoria contemporânea do cinema: documentário e narrativa ficcional, vol 2. São Paulo: Senac, 2005, pp. 303-318.

COSTA, Antônio. **Compreender o Cinema.** Editora Globo, 1985.

HARRIS, Robert: **Elementos do romance gótico,** 2011. Disponível em: <<http://www.virtualsalt.com/gothic.htm>> acesso em 05/12/14.

NOGUEIRA, Luís. **Manuais de Cinema II: Gêneros cinematográficos.** Editora LabCom, 2010.